

Comunicação através da Contação de História: Leituras e Releituras da Lenda das Cataratas

Communication through Storytelling: Readings and Rereadings of the Legend of Iguazu Falls

Lavínia Raquel Martins de Martins

Professora do Curso de Hotelaria da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), *Campus* de Foz do Iguaçu. Mestre em Turismo e Hotelaria (UNIVALI). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras (UNIOESTE). Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-9827-7553>

lavinia.raquel@gmail.com

Palavras-chave

Lenda das Cataratas
Lenda Foz do Iguaçu
Lenda Naipi e Tarobá

Keywords

Legend of the Falls
Legend of Foz do Iguaçu
Legend of Naipi and Tarobá

Resumo:

O presente artigo realiza um levantamento bibliográfico sobre as leituras e releituras da Lenda das Cataratas, observa-se os gêneros discursivos, empregados nos diversos momentos, nos quais aparecem esses relatos da mesma lenda. Apresenta-se a escrita inicial de Silveira Netto (1936), a releitura de Hardy Guedes (1997) e a atual versão apresentada pela prefeitura do município de Foz do Iguaçu, pelo Grupo Cataratas S.A. e hotéis da cidade (2014). Este estudo tem por objetivo registrar a Lenda das Cataratas como um gênero textual, identificando e descrevendo seu desenvolvimento cultural. Aborda-se a evolução desenvolvida por meio da lenda, levando-se em consideração os momentos históricos de sua reescrita e como foi obtida a atual versão. Trata-se de uma pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa, através da análise de discurso. Ao realizar a análise da lenda, fez-se notória a necessidade de uma releitura com a capacidade crítica. Diante da constatação de tal necessidade, solicita-se aos poetas e escritores da região, esse novo olhar com julgamentos de valor, uma nova abordagem capaz de expressar não somente uma lenda, mas uma forma de ensino e aprendizado a nossas crianças e sociedade em geral.

Abstract:

This article carries out a bibliographic survey on the readings and re-readings of the Legend of the Cataratas, observing the discursive genres, used in the different moments, in which these reports of the same legend appear. The initial writing by Silveira Netto (1936), the re-reading by Hardy Guedes (1997) and the current version presented by the city hall of the municipality of Foz do Iguaçu, by Grupo Cataratas S.A. and hotels in the city (2014) are presented. This study aims to record the Legend of the Falls as a textual genre, identifying and describing its cultural development. The evolution developed through the legend is discussed, taking into account the historical moments of its rewriting and how the current version was obtained. This is descriptive research, with a qualitative approach, through discourse analysis. When analyzing the legend, the need for a re-reading with critical capacity became clear. Faced with the realization of such a need, poets and writers in the region are asked to take this new look with value judgments, a new approach capable of expressing not only a legend, but a form of teaching and learning for our children and society in general.

Artigo recebido em: 20.06.2023.

Aprovado para publicação em:
08.08.2023.

INTRODUÇÃO

As histórias, contos, lendas e mitos são formas discursivas com capacidade de expor as diferentes culturas de uma população. Ao colocarmos em discussão tal situação, é preciso levar em consideração vários fato-

res como a diversidade da condição humana em sua história, suas realidades culturais desenvolvidas ao longo do tempo.

Este artigo tem como objetivo registrar a Lenda das Cataratas como um gênero textual, o qual circula na região oeste do Paraná, assim como sua evolução com o decorrer do tempo e a possibilidade de contribuição para o fortalecimento da cultura e da identidade local. E identificar e descrever o desenvolvimento cultural da Lenda das Cataratas analisando suas concepções com base nos conhecimentos da disciplina de Diálogos Estéticos e Multiculturais do doutorado no Programa de Pós-graduação Sociedade Cultura e Fronteiras em Foz do Iguaçu.

Ao se tratar de uma lenda indígena é fundamental para entender a cultura indígena. Isso inclui considerar o ambiente geográfico em que vivem, as influências históricas, as políticas governamentais, as mudanças sociais e desaceleradas, bem como os desafios contemporâneos enfrentados pelas comunidades indígenas. E isso permite compreender as diferentes perspectivas e os efeitos desses fatores no modo de vida indígena. No entanto, darei mais importância a discussão sobre a Lenda das Cataratas.

Uma lenda é uma narrativa tradicional que faz parte da cultura de um povo ou comunidade. Ela é transmitida oralmente de geração em geração, preservando-se ao longo do tempo. As lendas geralmente apresentam elementos fantásticos ou sobrenaturais, misturados com fatos históricos ou locais, e são contadas para explicar fenômenos naturais, eventos históricos, a origem de lugares ou características geográficas, ou transmitir ensinamentos morais.

Conforme Brasil (2011), a lenda é considerada um tipo de gênero textual, como as diversidades de textos que encontramos em múltiplos ambientes de discurso na sociedade; esses gêneros podem ser considerados como instrumentos que possibilitam a comunicação e a geração de conhecimento. Conceituando que

A lenda é uma narrativa fantasiosa transmitida pela tradição oral através dos tempos. São repassadas oralmente de geração a geração e sofrem alterações à medida que vão sendo contadas. As mesmas misturam fatos reais com irreais, fornecem explicações plausíveis, e até certo ponto aceitáveis, para coisas que não têm explicações científicas comprovadas, como acontecimentos misteriosos ou sobrenaturais (BRASIL, 2011, p. 2).

A Lenda das Cataratas aqui exposta são narrativas tradicionais transmitidas oralmente nas culturas indígenas da região. E as lendas são histórias que explicam fenômenos naturais, ensinamentos morais, a origem do mundo, entre outros aspectos. As lendas são uma parte importante da tradição oral indígena e de diversas culturas e desempenham um papel na transmissão de conhecimentos e valores de geração em geração.

A lenda, como arte literária, começa a ter importância no fim do século XX, sendo vista como ferramenta de estudo. Seu progresso partiu dos contos, mitos e tradições, gêneros que possuem a oralidade como base de propagação, a partir de textos escritos assumiu a forma de arte literária, como aqui exposto.

Conforme Bakhtin e Voloshinov (1976), o propósito de estudo da arte numa forma de comunicação

(...) é tentar alcançar um entendimento do enunciado poético, como uma forma desta comunicação estética especial, verbalmente implementada. Mas para fazer isso nós precisamos antes analisar em detalhes certos aspectos dos enunciados verbais fora do campo da arte – enunciados da fala da vida e das ações cotidianas, porque em tal fala já estão embutidas as bases, as potencialidades da forma artística. Além disso, a essência social do discurso verbal aparece aqui num relevo mais preciso e a conexão entre um enunciado e o meio social circundante presta-se mais facilmente à análise (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 1976, p. 6).

Este trabalho traz a reflexão, de forma cronológica, da Lenda das Cataratas, das formas de reprodução da mesma história, numa análise baseada em Bakhtin e Voloschinov, sobre a interpretação dos fatos imaginários, dentro de seu conteúdo, estilo, estrutura, e na importância de preservar a história e realçar o folclore da região. Assim, a história da lenda das Cataratas, os personagens corajosos e a misteriosa região das cataratas se completaram perpetuando a rica tradição oral da comunidade e de seu cotidiano, transmitida ao longo dos tempos para as futuras gerações, perpetuando a magia e o encanto dessa incrível narrativa. As lendas têm um papel importante na preservação da identidade cultural de um povo, transmitindo seus valores, crenças e conhecimentos ancestrais. Elas também podem fornecer compreensão sobre a história e os costumes de uma determinada comunidade, bem como sobre sua relação com o mundo natural e sobrenatural.

METODOLOGIA

O artigo se apresenta como um estudo descritivo, visando o conhecimento em relação ao tema proposto. Triviños (1987) diz que a pesquisa descritiva vem a descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade. Aqui, a realidade que se pretende descrever é a contação da Lenda das Cataratas como gênero textual e sua percepção como arte literária no tempo e espaço.

Também é realizada uma análise do discurso, pois conforme Orlandi (2020, p. 26) “a análise do discurso não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação”. O autor, ainda no mesmo estudo, expõe que se entende o discurso como “todo dizer é ideologicamente marcado” (ORLANDI, 2020, p. 38), pois em estudos qualitativo no meio educacional há de ter a preocupação tanto nos aspectos descritivos quanto nos interpretativos.

Ao fazer a pesquisa, se buscou na *internet* as várias narrativas sobre a Lenda das Cataratas, foram encontradas mais de 10 histórias diferentes, no entanto, apenas as histórias completas e com o nome de Lenda das Cataratas foram levadas em consideração. Com o intuito de registrar os vários resultados da busca, elenco os outros relatos escritos com base na Lenda das Cataratas que apresentam diferentes títulos: Garganta do Diabo, A lenda das Sete Quedas do Paraná, a história de Tarobá e Naipi, entre outras, todas versões apresentaram alterações da Lenda das Cataratas, por esse motivo não foram utilizadas nesta pesquisa.

AS LENDAS

No oeste do Paraná, a Lenda das Cataratas vem circulando como uma versão mitológica de explicação ao surgimento das quedas das Cataratas do Iguaçu, remete aos indígenas que viveram nessa região e suas narrativas na relação com o sobrenatural.

Como uma versão mitológica são narrativas sagradas que também fazem parte das tradições indígenas. Eles explicam a origem do universo, a criação do mundo, a relação entre os seres humanos e os seres sobrenaturais, entre outros aspectos místicos. Os mitos têm uma dimensão espiritual e são considerados fundamentais para compreender as crenças indígenas.

As lendas são histórias que se situam em um passado distante, muitas vezes envolvendo personagens heróicos, míticos ou mágicos. Elas podem retratar eventos extraordinários, como encontros com criaturas sobrenaturais, batalhas épicas, transformações ou aventuras extraordinárias. Uma das características das lendas é que elas se adaptam e se modificam ao longo do tempo e conforme são contadas por diferentes narradores. Isso faz com que existam variações e versões diferentes de uma mesma lenda, mas todas compartilham uma

base comum. É importante respeitar as lendas e valorizar sua importância cultural, reconhecendo o papel que desempenham na transmissão de saberes e na preservação da memória coletiva de um povo.

Apresentando a atual versão contadas pela Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu (2020), pelo Grupo Cataratas do Iguaçu (2019) e vários hotéis da cidade:

A Lenda das Cataratas

Muitas lendas indígenas contam a formação do maior conjunto de quedas d'água do planeta. Uma delas diz que os índios caingangues, que habitavam as margens do Rio Iguaçu, acreditavam que o mundo era governado por M'Boy, o deus serpente, filho de Tupã. O cacique da tribo, Ignobi, tinha uma bela filha chamada Naipi. Por causa de sua beleza, Naipi seria consagrada ao deus M'Boy, passando a viver somente para seu culto. Havia, no entanto, entre os caingangues um jovem guerreiro chamado Tarobá, que se apaixonou por Naipi. No dia em que foi anunciada a festa de consagração da bela índia, quando o cacique e o pajé bebiam cauim (bebida feita de milho fermentado) e os guerreiros dançavam, Tarobá fugiu com Naipi em uma canoa, que seguiu rio abaixo, arrastada pela correnteza. M'Boy ficou furioso quando soube da fuga e penetrou nas entranhas da terra. Retorcendo seu corpo, produziu uma enorme fenda que formou uma catarata gigantesca. Envolvidos pelas águas, os fugitivos foram tragados pela imensa cachoeira. Naipi foi transformada em rocha logo abaixo da cachoeira, fustigada pelas águas revoltas. Tarobá foi convertido em uma palmeira, situada à beira do abismo. Debaixo dessa palmeira existe uma gruta, de onde o monstro vingativo vigia eternamente suas vítimas (PMFI, 2020).

Esta versão se apresenta como um resumo das histórias que aparecem na *internet*, bem como das que são contadas por moradores da região. Além-fronteiras, a narrativa aparece também no país vizinho, a Argentina. Dessa forma, encontra-se no Parque das Cataratas da Argentina a reprodução em espanhol da mesma história, por isso existe a oficialização da lenda neste mesmo formato em ambos os países.

A segunda versão é a escrita por Hardy Guedes em 1997. O governo do Estado do Paraná oficializou a segunda versão ao incluí-la como lenda e literatura utilizadas de forma didática nas escolas do Estado.

Naipi e Tarobá – a Lenda das Cataratas do Iguaçu

O Iguaçu pertencia a M'Boi. Por isso, até hoje, as águas desse rio serpenteiam imitando os seus movimentos. Porque M'Boi é M'Boitatá, o deus-serpente e o Iguaçu é, também, uma enorme serpente que vai se arrastando pelo chão do Paraná.

Aonde M'Boi ia, o Iguaçu o acompanhava. É por isso que quase todos os rios desaguam no mar, mas o rio-serpente, não. Ele nasce pertinho do Atlântico, no Planalto de Curitiba. Bastaria se lançar Serra do Mar abaixo e sem dificuldades levaria as suas águas para o Oceano. Mas o Iguaçu é um rio avesso e tem destino contrário aos demais. O traçado do Iguaçu foi escolha de M'Boi e ele quis correr para o interior.

O deus-serpente desejava chegar em outro mar: o de Xaraés. Era assim que as tribos antigas chamavam o Pantanal do Mato Grosso.

E foi abrindo o seu caminho, rasgando chão, arrancando mata, alagando baixada.

O Iguaçu tinha muito peixe e o índio Caingangue muita fome. Índio queria peixe, mas peixe pertencia a M'Boi que era dono do rio. Índio ia pescar, canoa virava. Perdia peixe, perdia vida. Caingangue resolveu fazer trato com deus-serpente. M'Boi deixava índio pescar. Índio dava cunhã para M'Boi. Todo ano, uma cunhã.

Cunhã era moça bonita. Bonita como Naipi, a mais linda de toda tribo Caingangue.

Muitos queriam se casar com Naipi. Eram tantos, que os Caingangues prepararam uma enorme festa. Nela, os bravos guerreiros, com o corpo pintado com as cores da alegria, disputaram o amor de Naipi. E começaram as lutas e os risos e os cantos. Tarobá, um jovem forte e belo foi o vencedor.

M'Boi ouviu o barulho da festa e quis saber o que estava acontecendo. M'Boi viu Naipi e pediu a moça pra ele. Mas Tarobá havia vencido as lutas. Naipi era de Tarobá. Tarobá não quis dar Naipi para o deus-serpente. M'Boi desfez trato com índio. Voltou a espantar peixe.

Voltou a virar a canoa. Voltou a matar índio. Índio não tinha mais peixe. Índio voltou a sentir fome.

Os Caingangues se reuniram. Ofereceram outras moças a M'Boi. M'Boi não aceitou. Ofereceram outras moças a Tarobá. Tarobá também não aceitou. Lutara por Naipi. Vencera por Naipi. Naipi era de Tarobá.

A fome aumentou. Os Caingangues decidiram roubar Naipi de Tarobá para entregar a M'boi. A moça foi levada para a beira do Iguaçu. Índio gritou chamando M'Boi. M'Boi veio depressa. Tarobá ouviu algazarra. Veio depressa também.

Tarobá chegou primeiro. Pegou Naipi. Fugiu mata adentro. M'Boi correu atrás, rasgando chão, derrubando mata, alagando baixada. Tarobá era guerreiro forte. Tarobá era muito ligeiro. Tarobá era muito esperto. M'Boi é deus serpente. É ligeiro e manhoso também. Por onde Tarobá corria com Naipi, M'Boi fechava caminho com as águas do Iguaçu, serpenteando pra lá e pra cá. Tarobá, sem saída, encontrou canoa, remou ligeiro. M'Boi foi atrás. Queria virar canoa. Queria Naipi. Tarobá era bom no remo. Canoa não virava, não. Nem mesmo o deus-serpente podia vencer Tarobá.

Mas o Iguaçu era de M'Boi e fazia o que ele queria. M'Boi viu um grande abismo. Se Naipi não era dele, de Tarobá não seria.

M'Boi mandou o Iguaçu se jogar no precipício. O Iguaçu, obediente, lançou-se imensidão abaixo, arrastando canoa com Tarobá e Naipi.

Tupã viu tudo, mas nada pode fazer. Tupã era deus do trovão. M'Boi era deus-serpente. Dois deuses não lutam entre si. Tupã fez do corpo de Tarobá uma grande pedra, e o deixou lá embaixo, no grande abismo onde ele caiu, e transformou Naipi nas espumas das águas.

Desde então, todos os dias, Naipi, a espuma, procura acariciar o corpo do seu amado Tarobá. E toda vez que eles se encontram, nas águas das Cataratas do Iguaçu, aparece um belo arco-íris.

O castigo do Iguaçu foi acabar ali, juntando-se ao rio Paraná, tendo de correr de volta um grande caminho, em direção do Atlântico.

M'Boi, o deus serpente, foi-se embora para o Mar dos Xaraés e povoou a região de serpentes gigantes, que são as assustadores sucuris (GUEDES, 1997).

Observa-se entre uma leitura e outra, que há diferenças entre as histórias escritas, apesar da história da prefeitura ser um resumo da lenda, a história de Guedes tem diferenças que suscitam a curiosidade sobre a origem de tal versão. Em busca de resposta para a ocorrência das divergências entre as narrativas, foi encontrada uma versão original, em uma revista intitulada Memória de Foz do Iguaçu, publicada em 1982, a qual reporta que a lenda foi escrita em português por Silveira Neto em 1914.

LENDA DE NAIPIR

O escritor argentino Basaldúa conta, na narração da viagem que fez pelo seu país à grande cachoeira do Iguaçu: Uma noite, enquanto palestrávamos sentados à beira mesmo da catarata da Carobá, que denominam “União Argentino-Brasileira”, um velho índio, Yaru, da peonada que estava ao meu serviço, referiu-nos a lenda de Naipir, tal qual a referiram seus pais, e de geração em geração a conservam em sua tribo.

“Muitas vezes, dizia, tem girado a lua ao redor da terra desde que se deu a catástrofe. Os bosques que cobrem o vale e os desfiladeiros do U-guazu não haviam nascido ainda, embora as grandes árvores da floresta tenham troncos que dez homens não podem abarcar, porque vivem há mais de mil anos arraigados à terra.

Outros bosques maiores que os de agora embelezavam a terra com suas flores e seus frutos quando Naipir nasceu; Naipir, a formosa filha de Mboi o grande pagé, em cujo templo vivia o Deus-Serpente que governava o mundo; como agora governa o Deus-Canhão e o Deus-Ouro a raça dos homens brancos.

Era bela Naipir, e além de ser bela era jovem, e o Deus Serpente a quis para si, para seu culto, e a fez solenemente consagrar e encerrar no templo; como encerram agora os Pagés da tua raça donzelas inocentes para ajuda-las a realizar mistérios da sua religião. Carobá, jovem guerreiro, era chefe da tribo Kainganga e dele se havia enamorado a formosa Naipir, porque Carobá era forte, são e valente, sobre todos os moços dos arredores.

Na noite da consagração da donzela, enquanto o velho pagé e os caciques, no banquete, esvaziavam uma após outra grandes Kaniguás transbordantes de espumoso licor, Carobá raptou a formosa Naipir e fugiu com ela em ligeira piroga arrastada pela rápida corrente das águas.

Quando o Deus Serpente, despertando após larga e sonolenta digestão, viu que a virgem Naipir se havia evadido do templo, e advertido pelo rumor do rio, cujas águas eram golpeadas pela papaya de Carobá – que fugiram por ali a formosa virgem com seu amado, raivoso e sedento de vingança contrai os anéis de seu corpo e o esconde nas entranhas da terra e a superfície fendida subitamente produziu esta terrível catarata.

Naipir foi convertida na insensível rocha que o fogo subterrâneo caldeia sem cessar, como o amor caldeou seu coração enamorado, e desde então as águas correntosas do grande rio banham-lhe o busto para apagar os ardores do seu amor sacrílego.

Carobá, o sedutor, foi convertido em árvore à beira do abismo, perto da piroga inutilizada, e condenado a contemplar a imagem de sua amada, que o vê com olhos de pedra, sem poder beijá-la.

Aquela forma branca, oculta por um céu d'água a olhares profanos, é Naipir que vive, que ouve, que sente, e estremece de desejo, mas que não pode falar.

Esta árvore solitária que vês no centro do rio à beira do abismo, é Carobá, eternamente enamorado da formosa Naipir, a quem manda o perfume de suas flores e murmúrios de amor quando agita a folhagem de sua fronde, mas que nunca poderá chegar ao regaço da bela que o espera.

Sob nossos pés está a entrada da gruta e onde a vingadora serpente espreita incessantemente as suas duas vítimas, e é por isso que nós reecemos penetrar na caverna (SILVEIRA NETO, 1995, p. 89-91).

A versão da lenda apresentada, de acordo com as pesquisas, é uma tradução literal feita por Silveira Neto da Lenda escrita por Basaldúa em 1901, lenda contada por um peão indígena da região de Misiones (AR), que estava a serviço de Basaldúa em sua viagem de desbravamento. Para discussões e comparações, após, as leituras e releituras, vê-se a dúvida, qual lenda é a correta?

Na vida, o discurso verbal é claramente não auto-suficiente. Ele nasce de uma situação pragmática extraverbal e mantém a conexão mais próxima possível com esta situação. Além disso, tal discurso é diretamente vinculado à vida em si e não pode ser divorciado dela sem perder sua significação (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 1976, p. 6).

Dessa forma, é de extrema importância analisar aspectos que ultrapassam a simples narrativa de uma lenda. É preciso um olhar atento à história de seus autores e contextos sociais, os quais influenciaram a formação da história com base em suas vivências e características peculiares dos habitantes de cada localidade. Bakhtin e Voloshinov (1976) ainda continuam expondo que esses

juízos e avaliações referem-se a um certo todo dentro do qual o discurso verbal envolve diretamente um evento na vida, e funde-se com este evento, formando uma unidade indissolúvel. O discurso verbal em si, tomado isoladamente como um fenômeno puramente linguístico, não pode, naturalmente, ser verdadeiro ou falso, ousado ou tímido (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 1976, p. 6).

Mediante tantos fatores que contribuem com a diversidade da riqueza dos discursos, principalmente àqueles pertencentes à modalidade oral, percebe-se claramente que não há certo ou errado no que tange às releituras, pois cada uma delas representa as peculiaridades pertencentes ao seu território de origem. Observemos a primeira releitura, a versão da prefeitura de Foz do Iguaçu é um resumo da Lenda, mescla dados tanto da releitura de Guedes, como da escrita de Silveira Neto, ainda aparecem dados que remetem às outras duas,

como o nome do pai da Naipi: *Ignobi* (palavra que remete a desprezo), pois na sociedade contemporânea, é inconcebível a ideia de um pai que permite a filha ser ofertada a um Deus, essa figura paterna é repudiada pela sociedade atual, um homem que merece ser desprezado, jamais um ser digno de imitação.

Sob outro viés, existe um item inexistente nas duas releituras da Lenda redigidas por Harry e a tradução de Silveira Neto, ou seja, não há a informação de que existem outras lendas indígenas que contam a formação das Cataratas. Tal fato desperta uma estranheza a qualquer pesquisador mais atento às informações, pois só aparece a Lenda de Naipi e Tarobá, com versões diversas, mas sempre a mesma história tendo como enredo principal a confirmação do amor entre Naipi e Tarobá e o castigo atribuído pela “rebelia” do amor entre os dois. A inexistência do registro referente a outras lendas indígenas torna-se interessante, pois Basaldúa, autor espanhol, o primeiro escritor a registrar a origem da lenda, informa em seu livro, que foi a única história contada pelos indígenas sobre o surgimento das Cataratas, segundo o autor, era a única lenda da região das quedas em 1901, época do relato ouvido pelo espanhol. Contudo, é perfeitamente entendível a visão da prefeitura do município de Foz do Iguaçu em relação à omissão da existência de outras versões da lenda, acredita-se que o objetivo principal dessa atitude seja o despertar da curiosidade para que os moradores e turistas ao lerem ou ouvirem a lenda tenham o interesse pela busca de outras informações e interajam, melhor com o atrativo das Cataratas. Bakhtin e Voloshinov (1976) mostram que

Muito mais freqüentemente, enunciados concretos continuam e desenvolvem ativamente uma situação, esboçam um plano para uma ação futura e organizam esta ação. Mas para nós há um outro aspecto do enunciado concreto que é de especial importância: qualquer que seja a espécie, o enunciado concreto, sempre une os participantes da situação comum como co-participantes que conhecem, entendem e avaliam a situação de maneira igual (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 1976, p. 8).

Percebe-se que a atitude intencional ou não da prefeitura municipal de Foz do Iguaçu em relação à releitura da Lenda das Cataratas gera no visitante e também no leitor uma coparticipação, isto é, observa-se rotineiramente a curiosidade despertada nos turistas pela procura da palmeira, descrita na lenda como a figura do índio Tarobá. Tal referência transforma o turista ou leitor em coparticipante de uma história que reflete o imaginário humano em torno da formação das Cataratas do Iguaçu.

A segunda releitura que apresentamos é a de Hardy Guedes, cantor, compositor, violinista e escritor. Na década de 1990, pesquisou diversas lendas paranaenses e gregas, nas quais fez a tradução das lendas para o entendimento infantil, originando a coleção Lendas Paranaenses no programa da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Curitiba. Em 1997 lançou 10 livros infantis, cinco de lendas gregas e cinco de lendas paranaenses, o autor fez muitas pesquisas sobre o folclore brasileiro para adaptar as lendas indígenas para linguagem infantil. (FL, 1997).

Observa-se na escrita de Guedes, a procura pela justificativa da curiosidade infantil em quase toda a lenda. O serpentear do rio Iguaçu, imagem bem reconhecida pelas crianças hoje em dia, é facilmente notado tanto em fotos como em passeio aéreo pela região. Aproximou o Deus-serpente *M’Boi* de *M’Boitatá* e com a intenção de gerar ainda mais curiosidade às crianças em conhecer um pouco mais do folclore brasileiro. Fez uma explicação fantasiosa sobre a história do rio Iguaçu vir em direção oeste, mas de certa forma complacente com a Lenda. Consegui de forma simples e concisa, com a fome (algo fácil de uma criança entender), explicar a devoção dos indígenas para com o Deus *M’Boi*. Faz também, na fuga de Naipi e Tarobá, um trajeto mais verossímil, ao dizer que ambos iniciaram sua fuga pela mata, pois se o Deus era do rio, seria estranho os dois fugirem pelo rio. Apresentou a inveja e egoísmo, ao colocar que se a Naipi não fosse do Deus-serpen-

te, também não seria de Tarobá, ou seja, preferia vê-la morta do que de seu oponente. O que é de estranhar é que Guedes altera o final da história, onde ele coloca Tarobá como rocha, onde nas outras duas lendas apareciam como sendo Naipi. Sabiamente colocou Naipi como a espuma das águas, onde os dois se encontram diretamente e formam um arco-íris desse encontro, algo bonito e infantil, pois uma história infantil não pode ter um final trágico. Colocou um castigo ao rio Iguazu e enviou o Deus-serpente para o Pantanal Mato-grossense, retirando qualquer temor de se visitar as Cataratas.

A releitura da lenda das Cataratas feita por Guedes, trabalhou bem os explicativos e criação do mito, conforme Bakhtin e Voloshinov,

Deve-se notar que a entoação na fala concreta, no todo, é muito mais metafórica do que as palavras usadas. O espírito primitivo de criar mitos parece permanecer vivo nela. A entoação soa como se o mundo que circunda o falante estivesse ainda cheio de forças animadas – ela ameaça e reclama delas, ou adora e acalenta objetos e fenômenos inanimados, enquanto que as metáforas usuais da fala coloquial na maior parte se apagaram e as palavras se tornaram semanticamente magras e prosaicas (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 1976, p. 12).

Guedes se utiliza bem da entoação, em muitos trechos do conto, o leitor sente-se como um personagem pertencente à lenda, como na passagem a seguir: “E toda vez que eles se encontram, nas águas das Cataratas do Iguazu, aparece um belo arco-íris.” Qualquer pessoa que vá até as quedas das águas nas Cataratas, sempre que houver sol, verá a formação de arco-íris na fumaça das águas. No entanto, para o imaginário infantil é a lenda se cumprindo no mundo real.

A figura do contador de histórias desempenha um papel essencial na transmissão da lenda, uma vez que cada instância da entoação carrega significados múltiplos e complexos. Nesse contexto, a entoação não apenas transmite as palavras da história, mas também expressa conexões emocionais e sociais entre o contador, o ouvinte e o próprio enredo da lenda. Segundo Bakhtin e Voloshinov (1976) a entoação assume duas diferenças distintas: a primeira é tratada ao interlocutor, ou seja, à criança que está ouvindo a história; a segunda direção da entoação é dirigida ao próprio objeto do enunciado, que neste caso é o enredo da lenda das Cataratas. Os autores ainda expressam que, o locutor ao entoar e gesticular a história, assume um posicionamento social e ativo com valores específicos na sua sociedade.

Na análise da última releitura da lenda, a escrita por Silveira Neto, em 1936, data aproximada, pois existem relatos de que o autor já expunha a Lenda, desde 1906, nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e Curitiba. A primeira publicação dos escritos que estão em seu livro é datada em 1914, a versão utilizada nesse artigo é do livro publicado em 1995. Manuel de Azevedo da Silveira Neto, nascido em Morretes em 1872, falecido em 1942 aos 70 anos. Poeta paranaense, viajou pela região do extremo oeste do Paraná para conhecer as Quedas do Guairá e os Saltos do Iguazu, ao retornar para a capital do Paraná começou a registrar os caminhos por onde passou. Foi convidado a realizar conferência pública na capital do país, o Rio de Janeiro, para relatar sobre os Saltos do Iguazu, assunto que muito impressionava as elites na época. (SILVEIRA NETO, 1995).

Silveira Neto em seus relatos se apropria de muito dados apresentados pelo escritor Florenzio de Basaldúa (1853-1932), engenheiro e agrimensor, explorou as terras de Misiones (AR) no final do século XIX, escrevendo suas descobertas em 1901, dentre os fatos relatados em seu livro se encontra a Lenda de Naipir e Caroba, que foi traduzida por Silveira Neto.

Inicia o relato informando que as Cataratas tinham nome de Caroba, para os indígenas nativos da região norte de Misiones, Caroba sendo traduzido do guarani para o espanhol e deste para português como: rico,

forte, grande. Na lenda original, aqui analisada, *M'Boi* era o nome do Pajé da tribo indígena e pai de Naipir, o Deus-serpente não tinha nome, algo interessante, pois na evolução da lenda o Deus-serpente passa a se chamar *M'Boi*, uma confluência um tanto natural de acontecer sendo que a tradução da palavra guarani *M'Boi* é serpente, cobra.

Nota-se a entoação dos indígenas em apresentar a submissão ao Deus-Serpente que governava o mundo, surge o questionamento: - Qual mundo? A resposta é: O mundo deles, os nativos, habitantes daquela região. Todavia o mais surpreendente é a comparação que esses indígenas já faziam em relação à submissão do homem branco ao Deus-Canhão: pelo poder de morte, e ao Deus-Ouro: pelo poder de corromper o homem. Na sequência, há outra crítica ao homem branco, quando na lenda, a jovem Naipir é consagrada e encerrada no templo para o Deus-Serpente - nítida comparação crítica - com as freiras em conventos dos homens brancos.

No final da lenda, aparece no castigo dos dois amantes, um fogo subterrâneo que caldeia sem cessar a rocha a quem foi transformada Naipir, vemos a crença de um inferno, consequência distante da catequização dos indígenas da região pelos jesuítas.

Outra notável observação é de que na crença indígena às plantas e rochas, como as águas também, tem sentimentos característicos dos humanos, o contador indígena da história expõe um ambiente natural com sentimentos.

Um fato que causa estranheza quando comparamos as variadas versões da lenda é a divergência apresentada em relação à mudança de nomes dos personagens principais. Qual seria o motivo que levou a comunidade da região da foz do rio Iguaçu, tanto do lado brasileiro, quanto argentino a mudar os nomes dos indígenas? Caroba passou a ser conhecido como Tarobá (esta palavra sem relação guarani) e Naipir para Naipi (esta talvez só por uma tentativa de afastar um caipirês da língua).

Fazendo a análise da Lenda original com a lenda da prefeitura de Foz do Iguaçu, se observa que muito foi suprimido, muitas partes que também não aparecem na lenda contada por Guedes, o que deixou a lenda em si mais pobre. Nesse ínterim, Bakhtin e Voloshinov (1976) escrevem que,

Quando cortamos o enunciado solo real que o nutre, perdemos a chave tanto de sua forma quanto de seu conteúdo – tudo que nos resta é uma casca lingüística abstrata ou um esquema semântico igualmente abstrato (a banal “idéia da obra”, com a qual lidaram os primeiros teóricos e historiadores da literatura) – duas abstrações que não são passíveis de união mútua porque não há chão concreto para sua síntese orgânica (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 1976, p. 13).

É perceptível o fato de que, quando da escrita de Basaldúa (1901), as lutas e guerras por espaços de terras eram uma realidade, na divulgação de Silveira Neto (1910) ainda mais, principalmente para os indígenas que eram dizimados muitas vezes, então o alerta do Deus-canhão e do Deus-ouro, eram naturais no contexto político, econômico e social da época. Para Hardy Guedes (1997), com o decorrer do tempo, a necessidade de alerta não se manifesta da mesma maneira, agora o que assola a população de forma social, econômica e política é a fome, por isso a nova conotação referenciada na lenda. Acredito que, decorridas algumas décadas, essa lenda poderá sofrer novas alterações referenciadas às necessidades vivenciadas pelos seres humanos e ser recontada com novos elementos como poluição dos rios e lagos ou o aquecimento global como os vilões e a serpente tentando libertar o rio de pesticidas. Bakhtin e Voloshinov (1976) dão continuação

A enunciação está na fronteira entre a vida e o aspecto verbal do enunciado; ela, por assim dizer, bombeia energia de uma situação da vida para o discurso verbal, ela dá a qualquer coisa lingüisticamente estável o seu momento histórico vivo, o seu caráter único.

Finalmente, o enunciado reflete a interação social do falante, do ouvinte e do herói como o produto e a fixação, no material verbal, de um ato de comunicação viva entre eles. O discurso verbal é como um “cenário” de um dado evento. Um entendimento viável da significação global do discurso deve reproduzir este evento de relação mútua entre os falantes; deve, por assim dizer, “representá-lo” de novo, com a pessoa que quer compreender assumindo o papel do ouvinte. Mas para representar esse papel, ela precisa compreender distintamente também as posições dos outros dois participantes (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 1976, p. 14).

Desta forma, conforme a elucidativa Bahktiniana, as lendas aqui descritas demonstram seus momentos históricos, o início do século XX. As críticas sociais referentes a esse período, ou seja, a ganância, as guerras e a religião, apresentadas na lenda original caracterizam as mazelas da sociedade do século passado. Hardy Guedes ao apresentar a fome em sua releitura da lenda, já faz a referência das mazelas sociais de forma resumida e mais empobrecida, pois só apresenta a parte lúdica da lenda ao relacionar a fome somente com a história de amor e provação entre o casal indígena e o Deus-serpente.

RESULTADO

A presença das lendas das Cataratas em diferentes tempos e perspectivas evidenciam a riqueza da cultura e tradições dos povos indígenas e sua proteção para o entendimento do passado e do presente. Transmitidas oralmente pelas comunidades indígenas ao longo das gerações, essas lendas têm um papel poético, lúdico e político, econômico e social, envolvendo autor, leitor e ouvinte.

No entanto, ao serem desenvolvidas ao público contemporâneo, algumas lendas podem perder parte de sua profundidade e contexto de aprendizado. Bakhtin e Voloshinov destacam que a literatura é impregnada de estimativas sociais e que a forma de expressão de uma obra poética é organizada por essas estimativas.

Sugerimos que é necessária uma releitura da Lenda das Cataratas para atender às necessidades da sociedade contemporânea, com uma abordagem que desperte a capacidade crítica dos leitores e ouvintes. O texto conclama poetas e escritores locais a expressarem a lenda não apenas como uma história amorosa, mas também como uma forma de aprendizado para crianças e para a sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença das Lendas das Cataratas neste artigo ressalta a importância da compreensão da cultura e tradições dos povos indígenas, transmitidas oralmente pelas comunidades ao longo do tempo. A história indígena envolve o estudo de suas origens, crenças, desenvolvimento e relacionamentos com outros grupos indígenas. As lendas, em sua origem poética e lúdica, também têm sido expostas politicamente e socialmente, influenciando a forma como são percebidas e interpretadas pelos leitores e ouvintes.

As Lendas das Cataratas têm papel significativo no turismo local, instigando a curiosidade dos visitantes que desejam encontrar os elementos simbólicos da história de amor entre a índia Naipi e o índio Tarobá. Essa abordagem literária e cultural contribui para o atrativo turístico, mas o artigo ressalta a importância de uma releitura da lenda, que vai além da história amorosa, para abordar as necessidades e valores da sociedade contemporânea, proporcionando aprendizado às crianças e à comunidade.

Espero que este artigo traga a compreensão da necessidade apresentada pela sociedade contemporânea de uma releitura da Lenda das Cataratas abordando as necessidades apresentadas pelos indivíduos do século

XXI e que possa despertar a capacidade crítica dos leitores e ouvintes. Solicito aos poetas e escritores da região, esse olhar com julgamento de valor, podendo expressar não somente uma lenda com a história amorosa, mas uma forma de aprendizado a nossas crianças e sociedade.

Uma análise da lenda na perspectiva da cultura indígena envolve a compreensão dos aspectos sociais, políticos e religiosos dessas comunidades, buscando uma visão mais profunda de suas realidades. A valorização da diversidade e dos conhecimentos indígenas é essencial para garantir a identidade étnica desses povos e suas relações especiais com a terra.

O termo "lenda indígena" refere-se à história dos povos nativos de uma determinada região, que são descendentes dos primeiros habitantes dessa área. Eles possuem uma relação especial com a terra, uma cultura distinta e uma identidade étnica própria. É importante respeitar e valorizar a diversidade e os conhecimentos indígenas.

Portanto, a Lenda das Cataratas não é apenas uma narrativa poética, mas um elemento importante para compreender a cultura e tradições dos povos indígenas, e sua preservação e releitura podem contribuir para o fortalecimento da identidade cultural e do turismo local.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M./VOLOSHINOV, V. N. Discurso na vida e discurso na arte: sobre poética sociológica. Tradução de C. A. Faraco; C. Tezza. In: VOLOSHINOV, V. N. **Freudism**. New York: Academic Press, 1976.
- BASALDÚA, Florenzio de. **Passado, presente, porvenir del território nacional de Misiones**. 1ª ed. La Plata, 1901. © Biblioteca Nacional de España. Disponível em: <bdh-rd.bnc.es/viewer.vm?id=0000129129&page=1>. Acessado em 12 fev. 2020.
- BRASIL. **Contando história, mudei minha história**. Série Plano de Aula - Língua Portuguesa, MEC, 2011. CDU: 37.046.12. Disponível em <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000016788.PDF>. Acessado em: 12 fev. 2020.
- FL. **Folha de Londrina**. Lendas em linguagem infantil. Jornalista Telma Elorza. 1997. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/folha-2/lendas-em-linguagem-infantil-35627.html>. Acessado em 14 fev. 2020.
- GRUPO CATARATAS. **A lenda das Cataratas**. 2019. Disponível em: <https://grupocataratas.com/lenda_das_cataratas/>. Acessado em: 10 fev. 2020.
- GUEDES, Hardy. **Naipi e Tarobá: A Lenda das Cataratas do Iguaçu**. Coleção Lendas Paranaenses. 3ª ed. Governo do Estado de São Paulo. Secretaria da Educação. 1997.
- ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 13ª ed. Campinas (SP): Pontes; 2020.
- PMFI. Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu. **Portal do Turismo de Foz do Iguaçu**. Lenda das Cataratas. 2020. Disponível em: <http://www.pmf.pr.gov.br/turismo/?idMenu=1697>. Acessado em 10 fev. 2020.
- SILVEIRA NETO, Manuel de A. **Do Guairá aos Saltos do Iguaçu**. Curitiba: Fundação Cultural (Farol do Saber), 1995.
- TRIVIÑOS, Augusto. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

